

TRAÇANDO LIMITES E SUGERINDO DISTINÇÕES: PAJUBÁ E LÉXICO DISSIDENTE

TRACING LIMITS AND SUGGESTING DISTINCTIONS: PAJUBÁ AND DISSIDENT LEXICON

Alexandre Carvalho*

RESUMO: em textos variados, o pajubá tem sido rotulado de diferentes maneiras: *linguagem*, *vocabulário* (ou *repertório vocabular*), *dialeto*, *língua* e *socioleto*. Neste artigo, expomos alguns limites e sugerimos algumas distinções quanto a esse conjunto de lexias comumente associado à comunidade LGBTQIAPN+. Para isso, nos valem de textos teóricos, sobretudo das áreas da Lexicologia, Sociolinguística e Dialectologia, e noticiosos – estes últimos disponíveis no motor de busca *Google*. Aventamos que, além de se tratar de um *vocabulário*, o *pajubá*, hoje, não pode ser considerado *gíria de grupo*, mas sim *gíria comum*, dada a sua expansão para além do grupo restrito supracitado. Ademais, a predominância da estrutura morfossintática e de unidades lexicais do português brasileiro e o uso de uma ou outra unidade do iorubá também permitem caracterizá-lo como *socioleto*. Por fim, se levada em consideração uma relação de contingência, esse *vocabulário* é parte do que aqui denominamos *léxico dissidente*.

PALAVRAS-CHAVE: *pajubá*; vocabulário; léxico dissidente.

ABSTRACT: in a variety of texts, *pajubá* has been labeled in different ways: *language*, *vocabulary* (or *lexical repertoire*), *dialect*, *language*, and *sociolect*. In this article, we outline some limits and suggest certain distinctions regarding this set of lexemes commonly associated with the LGBTQIAPN+ community. To do so, we draw on theoretical texts, primarily from the fields of Lexicology, Sociolinguistics, and Dialectology, as well as news articles – the latter available through the *Google Search* engine. We propose that, in addition to being a *vocabulary*, *pajubá* today can no longer be considered a *group slang*, but rather a *common slang*, given its expansion beyond the aforementioned restricted group. Furthermore, the predominance of Brazilian Portuguese morphosyntactic

* Bacharel, Mestre e Doutorando em Estudos Linguísticos (FaLe/PosLin) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: carvalhoalexandre596@gmail.com

structures and lexical units, along with the occasional use of one or another Yoruba unit, also allows us to characterize it as a *sociolect*. Finally, if considered in terms of contingency, this *vocabulary* forms part of what we here term *dissident lexicon*.

KEYWORDS: *pajubá*; vocabulary; dissident lexicon.

INTRODUÇÃO

Grupos sociais engajados em uma atividade ou causa específica tendem a desenvolver um conjunto de palavras e/ou expressões que descrevem as suas ações ou a sua visão acerca de determinada matéria no mundo:

- a) advogados – *furto* ‘subtração de algo de alguém sem violência ou grave ameaça’, *lide* ‘conflito de interesses entre partes, levado ao juiz para decisão’, *habeas corpus* ‘remédio jurídico que protege a liberdade de ir e vir, contra prisão ilegal ou abuso de poder’;
- b) programadores – *bug* ‘erro no código’, *refatorar* ‘reestruturar código-fonte para melhorar clareza, legibilidade e manutenção, sem alterar seu funcionamento’, *stack* ‘conjunto de tecnologias e ferramentas usadas em um projeto ou dominadas por um profissional’;
- c) traficantes – *boca* ‘ponto de venda de drogas’, *corre* ‘atividade do tráfico ou o ato de transportar drogas’, *Fi* ‘fumar maconha’;
- d) homossexuais – *lacrar* ‘ter sucesso de forma impactante, arrasar, impressionar’, *lontra* ‘homossexual masculino magro e peludo’, *fazer a Winona Ryder* ‘furtar’;
- e) feministas – *sororidade* ‘solidariedade e aliança entre mulheres, fundada na empatia e no apoio mútuo’, *mansplaining* ‘explicação condescendente de um homem a uma mulher, pressupondo que ela sabe menos sobre o assunto’, *empoderamento* ‘processo de conquista de autonomia e poder de decisão individual ou coletivo’;
- f) ambientalistas – *greenwashing* ‘prática de *marketing* enganosa que cria falsa imagem de sustentabilidade ou responsabilidade ambiental’, *pegada de carbono* ‘medida do impacto ambiental de atividades humanas, expressa pelas emissões de gases de efeito estufa, especialmente CO₂’, *agrofloresta* ‘sistema de produção agrícola que integra árvores, cultivos e, eventualmente, animais, inspirando-se na dinâmica das florestas para produzir de forma sustentável’.

Os exemplos acima são apenas alguns dos inúmeros que podemos elencar. De acordo com Antunes (2012, p. 28), “todas as palavras remetem ao conhecimento que o homem constrói em sua experiência social com grupos e culturas de que participa”. Logo, língua e sociedade

¹ Utilizaremos aspas simples (‘’) para indicar o significado das lexias – simples e complexas – em itálico.

são interdependentes e mutuamente constitutivas, na medida em que não é possível a existência de uma sem a outra.

Objetivamos, neste escrito, discutir sobre o conjunto de palavras e expressões usualmente associado à comunidade LGBTQIAPN+², apresentar algumas definições de termos comuns à Linguística e aventarmos o uso de *vocabulário* para o *pajubá* e de *léxico dissidente* para o repertório de lexias que designam identidades, corpos e práticas de gênero e sexualidade não dominantes.

Procedimentalmente, adotamos a coleta de textos que tratavam da temática por meio do *Google Search*, para, em seguida, desenvolvermos nossos argumentos a partir do que neles foi observado, fundamentando-nos em obras teóricas da Lexicologia, da Sociolinguística, da Dialetoлогия e da Linguística em geral.

Este artigo se justifica pela necessidade de discutir o léxico do português brasileiro, extenso e heterogêneo, de conferir visibilidade a grupos historicamente excluídos de nossa sociedade, usuários dessa língua, e de contribuir para a análise, descrição e valoração de repertórios lexicais desprestigiados, muitas vezes obliterados da nossa história sociocultural.

Além desta breve introdução, dividimos o trabalho em outras quatro partes: a seção 2, em que exibimos os termos e conceitos que balizarão o objeto em análise; a 3, na qual apresentamos esse objeto, ou seja, o *pajubá*; a seção 4, cujo foco foi estabelecer alguns limites e aventar algumas diferenças no que tange a esse vocabulário; e a 5, onde encontram-se as nossas considerações finais.

TRAZENDO ALGUNS TERMOS E CONCEITOS À BAILA

A necessidade de identificar as coisas físicas e abstratas da realidade em que está inserido levou o ser humano a conceituá-las e adicionar-lhes rótulos. Esse processo contínuo – e ainda vigente – deu origem ao acervo lexical das línguas naturais (Biderman, 2001).

Observa-se, acima, a ausência do uso de *palavra(s)*. O conceito linguístico de *palavra* suscita problemas em Linguística, preferindo-se a utilização de *lexia* – ou, ainda, *item lexical* ou *unidade lexical* – e *lexema*. Este é a unidade lexical abstrata de uma língua, cujo sentido básico pode ser expresso por um conjunto de formas flexionadas que constituem um paradigma – p. ex., COMER – e aquela é a forma do lexema que se manifesta no discurso – p. ex., *comi*, *comeu*, *comeram* etc. (Biderman, 1978, 1999)³.

² Lésbicas, *gays*, bissexuais, transexuais e travestis, *queers*, intersexuais, assexuais, pansexuais, não binários, demais orientações sexuais e identidades de gênero.

³ Todos os exemplos são nossos.

As lexias podem ser simples – *cu ‘ânus’* – ou complexas – *até o cu fazer bico* ‘exageradamente ou até não poder mais’ (Biderman, 1978)⁴. Em ambos os casos, utilizamos os critérios gráfico – separação por espaços –, morfológico – estruturação e fixidez – e semântico – constituição de significado – para delimitá-las e defini-las (entretanto, há outros critérios existentes e aplicáveis, cf. Biderman, 1978, 1999; Basílio, 2011).

Na esteira de Orsi (2012), entenderemos o *léxico* como o repertório das unidades significativas de uma língua, pois, deste modo, unidades mínimas e máximas de significação podem ser consideradas palavras (em seu sentido amplo): *o, com, mas, uau, ele, criança, chutar, bonito, vinte, rapidamente, toc-toc, guarda-roupa, caixa eletrônico* etc.⁵

Acerca da *língua*, trata-se de “um sistema de signos convencionais e de regras de combinação desses signos, que formam um todo complexo e estruturado” (Polguère, 2018, p. 24). Para não adentrarmos na definição saussuriana de *signo* (*linguístico*), o compreenderemos como sinônimo de *lexia*, e as “regras de combinações” dessas lexias, como *gramática*. A língua se concretiza na *fala*, que, por sua vez, refere-se a ocorrências de trocas linguageiras entre pelo menos duas pessoas: o locutor e o destinatário. À vista disso, a *linguagem* é a capacidade de comunicarmos ideias fazendo uso da língua (Polguère, 2018).

Ademais, consoante Biderman, a língua é

uma convenção social, abstrata. Sendo a língua um patrimônio social, preexistente aos indivíduos, classifica-se como uma realidade heterogênea, sujeita aos outros fatores que compõem a herança cultural, como a cultura e a estrutura da sociedade, por exemplo. Assim sendo, a língua se situa num eixo temporal que evolui e se altera através dos séculos, sofrendo continuamente a injunção de variadíssimos fatores extralinguísticos [...] (Biderman, 1978, p. 12-13).

De fato, Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]) e Labov (2008 [1972]) defendem que a língua é um sistema heterogêneo e que a variação e a mudança linguísticas decorrem dessa característica. Para esses teóricos, ela deve ser estudada em seu contexto social dentro de uma comunidade de fala⁶, pois fatores internos e externos influenciam a sua estrutura.

A região geográfica, o sexo/gênero ou o grupo social, por exemplo, configuram-se como fatores extralinguísticos que impactam a variação linguística. Quanto aos níveis linguísticos,

⁴ Seguindo Biderman (1978), não faremos distinção entre *lexias compostas* – hifenizadas – e *complexas* – não hifenizadas. Para os quatro tipos de lexias existentes, ver Pottier (1978). Para a crítica quanto a dificuldade de distinguir as duas supramencionadas, ver a pesquisadora em questão.

⁵ Por questões de espaço, não discutiremos sobre a heterogeneidade do léxico e de outros itens que dele fazem parte: as raízes, os afixos, os clíticos, as colocações, as locuções, os provérbios etc. Além disso, vale dizer que, via de regra, palavras funcionais adquirem seu sentido no contexto oracional. No entanto, algumas delas parecem ter um significado mais sobressalente, por exemplo, *o* ‘masculino e singular’, *com* ‘companhia ou (des)acordo’, *até* ‘limite temporal ou espacial’, *para* ‘direção ou finalidade’, *mas* ‘oposição ou restrição’, *se* ‘condição’, *ele* ‘3ª pessoa do singular e masculino’ etc.

⁶ Grupo de falantes que compartilha as mesmas normas a respeito do uso da língua (Labov, 2008 [1972]).

a variabilidade pode ocorrer em nível lexical, fonológico, sintático, entre outros. Outrossim, a variação pode ocorrer simultaneamente em mais de um nível e envolver, de forma concomitante, fatores sociais e linguísticos⁷ (Coelho *et al.*, 2015).

Habitualmente, nomeia-se *dialeto* o falar típico de certo grupo regional e/ou social. Contudo, esse termo carrega problemas. De acordo com Chambers e Trudgill,

no uso comum, claro, um dialeto é uma forma de língua inferior, de baixo *status*, muitas vezes rústica, geralmente associada ao campesinato, à classe trabalhadora ou a outros grupos desprovidos de prestígio. Dialeto é também um termo frequentemente aplicado a formas de língua, particularmente aquelas faladas em partes mais isoladas do mundo, que não possuem forma escrita. Além disso, os dialetos são muitas vezes considerados como algum tipo de desvio (frequentemente errôneo) de uma norma – como aberrações de uma forma correta ou padrão da língua (Chambers; Trudgill, 2004 [1998], p. 3, tradução nossa)⁸.

Seguindo Chambers e Trudgill (2004 [1998], p. 5, tradução nossa), cremos que substituir *dialeto* por *variedade* é de maior valia, uma vez que este é um termo neutro. Os autores entendem por *variedade* “[...] qualquer tipo particular de língua que desejemos, por algum propósito, considerar como uma entidade única”⁹. Além do mais, para eles, uma língua é um conjunto de dialetos reciprocamente inteligíveis.

A ideia de dialetos como subdivisões de uma língua particular (Chambers; Trudgill, 2004 [1998]) também é partilhada por Coelho *et al.* (2015), visto que as pesquisadoras e o pesquisador consideram *variedade* como o falar característico de determinado grupo social e/ou regional, influenciado por fatores geográficos, sociais (escolaridade, idade, gênero), profissionais etc. Desse modo, no contexto brasileiro, falantes do Rio Grande do Sul, de Manaus, da cidade de São Paulo, universitários, adolescentes, mulheres, advogados, pescadores florianopolitanos, donas de casa paulistas, entre outros, unem-se linguisticamente por falarem o português, mas cada qual apresenta particularidades condicionadas pelos fatores supracitados (Coelho *et al.*, 2015).

Para todos os efeitos, quando da necessidade do uso de *dialeto*, Trask nos oferece uma definição satisfatória do termo, que comporta o que discutimos até então:

variedade linguística regional ou social, mais ou menos identificável. Toda língua que se usa numa área relativamente extensa é falada de maneiras diferentes conforme os lugares: são seus ***dialetos regionais***.

⁷ Como o contexto fonológico, a classe morfológica, a posição sintática, os traços semânticos etc.

⁸ Do original: “In common usage, of course, a dialect is a substandard, low-status, often rustic form of language, generally associated with the peasantry, the working class, or other groups lacking in prestige. Dialect is also a term which is often applied to forms of language, particularly those spoken in more isolated parts of the world, which have no written form. And dialects are also often regarded as some kind of (often erroneous) deviation from a norm – as aberrations of a correct or standard form of language” (Chambers; Trudgill, 2004 [1998], p. 3).

⁹ Do original: “[...] any particular kind of language which we wish, for some purpose, to consider as a single entity” (Chambers; Trudgill, 2004 [1998], p. 5).

Além disso, mesmo em uma única comunidade, a língua pode ser falada de maneiras distintas pelos membros dos diversos grupos sociais: essas formas diferentes são ***dialetos sociais*** ou ***socioletos*** (Trask, 2011 [2004], p. 79, *itálicos e negritos originais*).

Bagno (2017) sustenta o que Trask entende por *socioleto* (ou *dialeto social*), pois, para aquele, esse termo refere-se a uma variedade linguística que se relaciona mais com as características sociais do falante do que com sua origem geográfica, sendo os modos de falar típicos de uma classe social, de uma faixa etária ou de um grupo com o mesmo nível de letramento exemplos de socioletos.

O *pajubá*, para Bagno, também integra o universo dos socioletos, posto que, enquanto um repertório lexical gíriático suscetível à diversidade e à mudança, trata-se de uma variedade falada por uma coletividade fechada em si mesma – das travestis e da comunidade LGBT – e com forte consciência de grupo. O autor compreende por *gíria* “um vocabulário próprio de um setor da sociedade tido como marginal”, cujo caráter críptico dificulta o seu entendimento por sujeitos externos ao grupo. Ademais, o termo ainda se aplica “a um conjunto de palavras que constituem uma moda de determinado momento dentro de algum setor social específico”. Frequentemente, essas palavras se propagam para uma significativa parte da sociedade ou para o restante dela (Bagno, 2017, p. 156)¹⁰.

Preti (1984), por sua vez, conceitua como *gíria* um vocabulário criptológico, agressivo-defensivo e identitário exclusivo de um grupo social restrito. Assim sendo, faz parte dos dialetos sociais, isto é, variações socioculturais da língua. Ressalta, ainda, que a efemeridade é um traço constituidor da *gíria*.

Vocabulário, que até então carecia de definição, consiste em (i) um conjunto de lexias que aparecem em um certo texto ou (ii) um subconjunto de lexias de uma determinada língua que um indivíduo domina (Polguère, 2018). Na seção 4, defenderemos o *pajubá* como um vocabulário, partindo desse segundo conceito, mas ampliando-o. Antes, porém, compreendamos o que ele é de acordo com alguns autores(as).

O PAJUBÁ

A invasão portuguesa do Pindorama, território multilíngue que, em 1500, já era habitado por povos originários plurilíngues, somada à chegada, em meados do século XVI, de pessoas escravizadas oriundas do continente africano, intensificada progressivamente do século XVII ao XIX, resultou no contato entre distintas línguas, como o português europeu, o tupi antigo, o quimbundo, o iorubá, entre outras.

¹⁰ Bagno (2017) ainda cita a *gíria* da geração mais nova, cujo objetivo, semelhante à *gíria* de grupo marginalizado, é distinguir-se da geração mais velha.

Com a proibição do uso das línguas gerais – amazônica¹¹, no Norte, e paulista, no Sul – pelo então Marquês de Pombal, por meio do *Diretório dos Índios*, em 1758, o português se consolida como língua nacional. Todavia, é inegável a contribuição de itens lexicais de línguas estrangeiras para o léxico do que hoje chamamos de português brasileiro.

Exemplo de evidência dessa colaboração é o *pajubá* – ou, ainda, *bajubá* ou *bichês*. Esse vocabulário constitui-se de unidades lexicais do quimbundo (Andrade *et al.*, 2018) e sobretudo do iorubá¹² (Rei, 2014; Lau, 2015; Andrade *et al.*, 2018; Silva, 2021; Vieira, 2022), ambas línguas do ocidente africano.

No que se refere especificamente ao iorubá, o idioma se consolidou e se conservou no território brasileiro por meio dos rituais do candomblé, religião de matriz africana trazida ao país pelos negros escravizados no decorrer do período colonial (Rei, 2014; Vieira, 2022). É consenso entre autores(as) que, inicialmente, as travestis assimilaram lexias do iorubá, as quais posteriormente se espraíram ao restante da comunidade LGBTQIAPN+ (Andrade *et al.*, 2018; Silva, 2021).

A adoção de itens lexicais dessa língua por travestis justifica-se por fatores ligados por um denominador em comum: o preconceito. O candomblé, desde o período colonial, tem sido segregado socialmente em terras tupiniquins por ser associado à feitiçaria e à magia negra. Semelhantemente, pessoas não cis-heterossexuais assumidas são vítimas de intolerância por parte de religiões consideradas tradicionais. Em consequência disso, a discriminação, comum ao candomblé e aos(as) LGBTQIAPN+, possibilitou que estes(as) fossem acolhidos por aquele, ou melhor, o combate à marginalização fez com que a religião recebesse indistinta e irrestritamente pessoas segregadas pela sociedade brasileira (Rei, 2014; Vieira, 2022).

Finalmente, subentende-se que, em sua origem, o *pajubá* se compunha majoritariamente de unidades lexicais do iorubá (ver, por exemplo, Silva, 1992). Hodiernamente, nota-se a contribuição de lexias de outras línguas nesse vocabulário, como o tupi (Andrade *et al.*, 2018), o inglês e o próprio português brasileiro (Rodrigues; Andrade, 2023).

TRAÇANDO LIMITES E SUGERINDO DISTINÇÕES

Nesta seção, estabeleceremos alguns limites e aventaremos algumas diferenças no que tange ao *pajubá*. Para isso, nos valeremos de obras teóricas (vide Quadro 1) e de notícias (vide Quadro 4) que tratam sobre a temática, todas coletadas no motor de busca *Google*¹³, e também dos termos e conceitos já apresentados na seção 2.

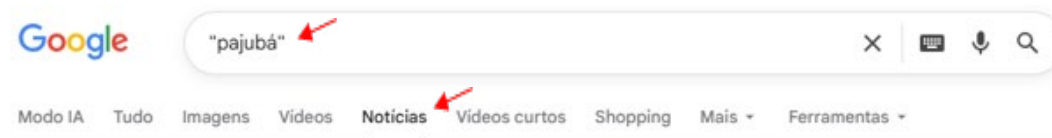
¹¹ Também conhecida como *nheengatu* ou *tupi moderno*.

¹² Também conhecido como *nagô*.

¹³ O link de acesso de cada um dos textos consta na seção Referências.

Para a referida coleta, utilizamos, na barra de pesquisa principal, a palavra *pajubá* delimitada por aspas duplas (“ ”): “pajubá”¹⁴. Após isso, selecionamos, na barra de filtros de pesquisa – ou barra de navegação de resultados –, a opção *Notícias* para refinar o tipo de conteúdo exibido (cf. Figura 1). No caso de notícias repetidas, ou seja, publicadas por mais de um veículo, escolhemos apenas uma, preferencialmente de veículos gratuitos (isto é, não pagos). Ademais, demos preferência àquelas publicadas no ano de 2025¹⁵, exceto a de Cavalcante (2017), que apresentou variados termos para denominar o *pajubá*.

Figura 1 - Modelo de busca utilizado



Fonte: *print screen* da tela do autor.

Os Quadros 1 e 4 exibem, na mesma ordem, os(as) autores(as), o(s) termo(s) que eles(as) usaram para designar o vocabulário que aqui estamos examinando e o(s) respectivo(s) conceito(s) que recebeu(ram) tal(is) rótulo(s). Durante a leitura dos textos e das notícias, extraímos cada um deles, isto é, o(s) termo(s) e a(s) definição(ões), para, depois, realizarmos a feitura desses quadros.

Começemos pelo primeiro deles:

Quadro 1 - Termos e definições utilizadas pelos(as) autores(as) das obras teóricas

Autor(a, es, as)	Termo(s)	Definição(ões)
Alonso (2005, p. 137)	<i>pajubá</i>	‘vocabulário oriundo dos travestis e falado por eles’;
Rei (2014, p. 174 e 182)	<i>léxico gay; dialeto gay</i>	-
Lau (2015, p. 91, 94 e 95)	<i>bajubá</i>	‘linguagem utilizada pela comunidade LGBT e proveniente do iorubá’, ‘língua que provém do iorubá’;
Lau (2017, p. 161, 164 e 173)	<i>bichês</i> (sin. <i>bajubá</i>)	‘linguagem associada somente à comunidade LGBT e que possui matizes africanas’, ‘linguagem utilizada por alguns membros da comunidade LGBT’, ‘linguagem informal’;

Continua

¹⁴ O método não exemplifica, necessariamente, algum tipo de *operador booleano*, posto que as aspas duplas, neste último caso, servem para pesquisar expressões ou frases, e não palavras separadamente.

¹⁵ Não intencionamos, contudo, esgotar o conjunto de publicações do referido ano, em razão de nosso enfoque qualitativo, e não quantitativo.

Conclusão

Autor(a, es, as)	Termo(s)	Definição(ões)
Andrade <i>et al.</i> (2018, p. 37, 38, 39, 40, 41, 43 e 44)	<i>bajubá</i> (sin. <i>pajubá</i>)	‘linguagem de interação e de construção da identidade de grupo LGBTT’, ‘vocabulário de grupo’, ‘linguagem de grupo’, ‘vocabulário de grupo LGBTT’, ‘vocabulário’, ‘linguagem’;
Monico; Legroski (2019, n. p.)	<i>pajubá</i>	‘espécie de dialeto utilizado por pessoas LGBTs’;
Silva (2021, p. 2, 10, 11 e 17)	<i>pajubá</i>	‘linguagem inicialmente de travestis e depois estendida a toda a comunidade LGBT+’, ‘socioleto’;
Vieira (2022, p. 21 e 22)	<i>pájubá</i> (sin. <i>bajubá</i>)	‘dialeto LGBTQIA+’;
Rodrigues; Andrade (2023, p. 8)	<i>pajubá</i> (sin. <i>bajubá</i>)	‘repertório vocabular e performativo de uma parcela da comunidade LGBTI+’.

Fonte: elaboração própria.

Verifica-se que *pajubá* e *bajubá* são os termos usados mais recorrentemente, seguidos de *bichês*, *léxico gay* e *dialeto gay*, esses dois últimos não claramente definidos por Rei (2014), para nomear o(s) conceito(s) em voga. Quanto às definições, *linguagem*, *vocabulário* (ou *repertório vocabular*), *dialeto*, *língua* e *socioleto*, nessa ordem do mais ao menos recorrente, aparecem para constituí-las.

O *pajubá* não se trata de uma *linguagem*, pois, como já vimos, essa refere-se à faculdade dos seres humanos de comunicar ideias por intermédio da língua. Tampouco é uma *língua*, haja vista essa ser um sistema de lexias convencionais e de regras de combinação dessas lexias, que constituem um todo estruturado e complexo (Polguère, 2018).

Se entendermos *dialeto*, ou melhor, *variedade*, como o falar próprio de certo grupo regional ou social que, quando somado a outros falares, constitui uma entidade única, ou seja, uma língua mutualmente compreensível por todos (Chambers; Trudgill, 2004 [1998]; Coelho *et al.*, 2015), o *pajubá* também não é um dialeto, porque, novamente, ele não é uma *língua*, isto é, a integração entre léxico e gramática.

A língua falada de Norte a Sul, por pessoas dos mais diferentes grupos sociais – homens, mulheres, jovens, idosos, analfabetos, universitários etc. – e profissionais – advogados, pescadores, donas de casa, entre outros –, é o português brasileiro, e não o iorubá, língua da qual foram tomados por empréstimo itens lexicais para o *pajubá*. Como frisado na seção 3, esse idioma se preservou no Brasil por meio dos rituais do candomblé, religião de matriz africana introduzida no período colonial pela população negra escravizada.

Para exemplificar a diferença entre o português brasileiro e o iorubá, apresentamos uma oração a Cosme e Damião, narrada na língua iorubá por Ayodele Francis Ojo (Acervo do Museu da Língua Portuguesa, 2018)¹⁶:

Mídia 1 - Oração a Cosme e Damião



Fonte: Acervo do Museu da Língua Portuguesa (2018).

E, a seguir, a transcrição da oração em iorubá e a tradução para o português:

Quadro 2 - Oração a Cosme e Damião

Transcrição em iorubá	Tradução para o português
Gbogbo àgbáyé n sọ egbẹrun méje èdè. Èmi n sọ Yorùbá.	O mundo todo fala sete mil línguas. Eu falo Yoruba.
Ìpínlẹ̀ sọ ọ̀rọ̀ lórí Ìbẹ̀jì àti orin.	As regiões falam sobre Ibeji (gêmeos) e cantigas.
Èjiré	Ejiré
N bá bí, n bá yò	Se eu tiver vocês, eu ficarei feliz
Èjiré tí ó wọ ilé aláḱisà	Ejiré que entra na casa do pobre
Tí ó sọ aláḱisà di aláṣọ	E que faz do pobre uma pessoa próspera
Èjìwòrò lójú iyá rẹ̀	Uma preciosidade aos olhos da mãe
Èjiré	Ejiré
N bá bí, n bá yò	Se eu tiver vocês, eu ficarei feliz
Ọmọ méjì tí iyá bí láti inú oyún kan!	Dois filhos que uma mãe traz de uma única gravidez!
Èyí tí ó kọ́kọ́ jáde nínú iyá rẹ̀ ni Táyé.	O que sai primeiro de dentro da mãe é Taye.
Èkẹ̀jì nì à n pè ní Kẹ̀híndé.	O segundo nós chamamos de Kehinde.
A sì maa n ẹ̀ se ọ̀dún fún wọn gégé bí ọ̀rìṣà nì orílẹ̀ èdè	E nós fazemos festival para eles como se faz para um orixá na Nigéria.
Nàìjíríà.	
Orin Ìbẹ̀jì	Cantiga de Ibeji
Epo n bẹ	Tem dendê
Èwà n bẹ o	Tem feijão
Epo n bẹ	Tem dendê
Èwà n bẹ o	Tem feijão
Àyà mi ò já oee	Não estou preocupado
Àyà mi ò já láti bí Ìbẹ̀jì	Não estou preocupado por ter gêmeos
Epo n bẹ	Tem dendê

Continua

¹⁶ O uso dos itens que se seguem nos foi autorizado pelo Centro de Referência do Museu da Língua Portuguesa, sendo expressamente proibida a utilização do acervo em outros trabalhos, edições, tiragens e publicações que não os especificados na solicitação por nós realizada. Palavras-chave: Museu da Língua Portuguesa; Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo; IDBrasil Cultura, Educação e Esporte.

Conclusão

Transcrição em iorubá	Tradução para o português
Èwà ñ bẹ o A máa ñ kọ orin yìi nígbà tí a bá ñ ẹ ọdún Ìbẹ̀jì fún àwọn Ìbẹ̀jì. Orin kejì Tayélolú ní kí n kí gbogbo yín o Mo sì kí gbogbo yín lẹ́kan kan Ọmọ Kẹ̀híndé ní kí n kí gbogbo yín o N ó sì kí gbogbo yín lẹ́kan kan Tayé, ọba ñ béèrè ẹ Kéyíndé, ọba ñ béèrè ẹ	Tem feijão Nós cantamos está cantiga quando fazemos festival de Ibeji para os gêmeos. Segunda cantiga Tayelolu disse para eu cumprimentar todos vocês E eu vou cumprimentá-los um a um Kehinde disse para eu cumprimentar todos vocês E eu vou cumprimentá-los um a um Taye, o rei pergunta de ti Kehinde, o rei pergunta de ti

Fonte: Acervo do Museu da Língua Portuguesa (2018).

Constata-se, após a escuta do áudio e a comparação entre a transcrição e a tradução, dissemelhanças entre os idiomas: enquanto o iorubá é uma língua tonal, o português é uma língua acento-entonacional; além disso, esta é flexional (ou fusional), ao passo que aquela é isolante (ou analítica). Não menos importante, o uso de diacríticos, como o circunflexo (^) e o agudo (´), para marcar a abertura ou o fechamento – e, consequentemente, a pronúncia – das vogais não é padrão em todas as palavras do português brasileiro, o que parece ser, no entanto, a realidade no iorubá, uma vez que os diacríticos indicam o tom e a abertura e o fechamento das vogais. Por fim, a fluência em iorubá não é uma característica marcante da população LGBTQIAPN+.

Com efeito, consoante o Acervo do Museu da Língua Portuguesa,

a língua iorubá é uma expressão viva de povos da África Ocidental, especialmente na Nigéria, Benim e partes do Togo. É uma língua tonal, o que significa que o tom de voz usado para pronunciar uma sílaba pode alterar completamente o sentido de uma palavra. Essa característica torna a pronúncia especialmente sensível e exige do falante atenção à entonação. No iorubá, vários dialetos coexistem: cada região tem um jeito particular de falar, com leves diferenças nos sons, nas palavras e até nas construções das frases. Para facilitar a comunicação entre falantes de diferentes regiões, desenvolveu-se uma forma padrão, usada em escolas, na mídia e na literatura, que ajuda a unificar a língua no plano escrito e falado formalmente. A gramática do iorubá é relativamente enxuta em termos de flexões complexas: a ordem das palavras costuma seguir sujeito-verbo-objeto, e os tempos verbais e aspectos são indicados por partículas ou contextos, mais do que pelas mudanças nas formas verbais. Os substantivos não carregam grande variedade morfológica, e relações como posse ou associação costumam ser expressas por combinações simples de nomes ou palavras funcionais ligadas. O sistema de escrita atual utiliza o alfabeto latino, adaptado com sinais diacríticos

para representar os tons e vogais abertas ou fechadas. Isso permite que os falantes registrem a língua de modo consistente e compartilhem seus textos, poesias, canções e literatura escrita. Quanto ao alcance do iorubá no mundo, ele se estendeu além de suas terras de origem por meio da diáspora africana. Em comunidades fora da África, especialmente nas Américas, aspectos da língua sobreviveram em expressões culturais, nomes, termos místicos e litúrgicos em religiões de matriz africana. Nesses contextos, o iorubá não necessariamente é falado com fluência plena, mas seus vocábulos carregam significado simbólico e espiritual. Assim, o iorubá permanece tanto como língua viva no cotidiano de comunidades africanas quanto como vínculo cultural de povos espalhados pelo mundo, um elo que une identidade, memória e expressão linguística (Acervo do Museu da Língua Portuguesa, 2018, *on-line*).

Segundo Rei (2014), os falantes do “dialeto *gay*” não dominam a morfossintaxe do iorubá, aplicando as unidades lexicais dessa língua às estruturas do português: *acuenda*, *mona*, *tem alibã na gira*, que significa ‘se manda, bicha, tem polícia na área’, apresenta, por exemplo, o verbo *tem*, com o sentido ‘existir’, e a forma sincrética *na*, equivalente a *em* + *a*. Ademais, o pesquisador ainda assevera que não há equivalência semântica entre algumas palavras do iorubá e do português, como é o caso de *adié* ‘galinha’, que em sua origem não possui a conotação de ‘homem ou mulher de comportamento promíscuo’, mas é usada com esse sentido no *pajubá*.

De fato, percebe-se em Silva (1992) que a estrutura morfossintática é a do português e que há uma certa predominância de lexias do iorubá:

- g) *a mona cá catou que o oco não palmicinho de adé* ‘eu percebi que o homem não gosta de mão de viado’;
- h) *não desaquendar em corre corre com três ocós* ‘não sair de carro com três homens’;
- i) *o oco da banda ô aquendouum ojum uó* ‘o homem que está do seu lado te olhou feio’;
- j) *adés e monas não aquendam o baco sem ochó de neca* ‘bichas e mulheres não transam sem camisinha’;
- k) *aquenda o omi dundum pra mona cá* ‘pega um cafezinho pra mim’.

Contudo, hoje, sobretudo em redes sociais ou conversas do dia a dia, observa-se o declínio das lexias do iorubá e o aumento das portuguesas:

- l) *quero comer esse edi também* (*edi* ‘cu’);
- m) *sou 100% anti aquendar e pro piroquinha marcando* (*aquendar* ‘esconder o pênis’);
- n) *de que me adianta a neca ser matin ou odara?* (*neca* ‘pau’, *matin* ‘pequena’, *odara* ‘grande’);
- o) *levei uma secada de uma amapô hoje na academia que eu fiquei até triste* (*amapô* ‘mulher’);

p) *morro com esses merdêteros querendo gongar meu gosto musical por acharem que eu só ouço música pop porque sou gay, sendo que o gosto deles se limita a hip hop (gongar ‘criticar; ridicularizar’).*¹⁷

Nesse contexto, o termo *socioleto* seria feliz, dado que há o predomínio do léxico e da sintaxe portuguesa, com uma ou outra unidade lexical do iorubá. Logo, seria uma variedade linguística social, mais ou menos inteligível, influenciada, por exemplo, pelos fatores extralinguísticos identidade de gênero e/ou orientação sexual.

No que tange ao uso de *léxico gay*, que Rei (2014) compreende como sinônimo de *dialeto gay*, não discordamos totalmente do autor, haja vista o léxico geral do português brasileiro ser (sub)dividido em outros léxicos, cada qual impactado por fatores geográficos, sociais, profissionais etc.: léxico nordestino, léxico erótico-obseno, léxico da cachaça, léxico de adolescentes infratores, entre outros. Todavia, o adjetivo *gay* é pouco representativo, mesmo se tratando de um hiperônimo. Uma vez que se associa majoritariamente aos homossexuais masculinos, exclui uma parcela significativa da comunidade LGBTQIAPN+. Ao nosso ver, *léxico dissidente* é mais viável, desde que compreendamos esse sintagma como o conjunto de palavras e expressões que nomeiam identidades, corpos e práticas de gênero e sexualidade não hegemônicas, em oposição às normas cis-heteronormativas dominantes.

Conforme assinalado na seção 2, defendemos que o *pajubá* é um vocabulário composto inicialmente por lexias sobretudo do iorubá e do quimbundo, assimilado primeiramente por travestis candomblecistas e posteriormente difundido entre integrantes da comunidade LGBTQIAPN+, ao qual se incorporaram, ao longo do tempo, unidades do tupi, do inglês e do próprio português brasileiro. Essa definição contempla a evolução do *pajubá* no português: o que antes era um subconjunto de lexias de línguas africanas que um grupo de indivíduos dominava é, atualmente, um conjunto de lexias de outras línguas, além dessas, como se verifica no Quadro 3. Entretanto, ainda nesta seção, ao discutirmos sobre *gíria* e identidade grupal, veremos que o *pajubá* já não se restringe apenas aos sujeitos da comunidade LGBTQIAPN+.

¹⁷ A relação de decréscimo aqui referida carece de dados empíricos, tratando-se, portanto, de uma percepção intuitiva do autor, que acompanha a utilização do *pajubá* em suas redes sociais e em grupos de amigos(as) também não (cis) heterossexuais. Uma pesquisa interessante para atestar a predominância de unidades lexicais do português em relação às do iorubá seria a compilação de *corpus*, ou de *corpora*, a partir, por exemplo, de *posts* em redes sociais de pessoas LGBTQIAPN+ ou de gravações de áudio de grupos dessa mesma comunidade em interação. As redes sociais possuem comunidades, grupos, páginas, usuários etc. que se dedicam à temática ou discutem assuntos que elicitam itens lexicais do *pajubá*: sexo, divas *pop*, vestuário, comportamento, artes (cinema, música, televisão...), drogas etc. Grupos de amigos(as) não (cis)heterossexuais, nos quais a familiaridade e a intimidade estão presentes, também possibilitam o uso de lexias (em sua maioria tabuizadas) do *pajubá*. Obviamente, em ambos os casos, o(a) pesquisador(a) enfrentará desafios quanto à coleta, como o acesso aos dados (como elicitá-los?), questões éticas envolvendo privacidade e consentimento, bem como a seleção e a delimitação do *corpus*. No entanto, os dados extrapolarão, por exemplo, o fim lexicográfico, possibilitando as mais variadas análises, em diferentes níveis linguísticos, bem como o levantamento de fatores extralinguísticos que influenciam a utilização desse vocabulário.

Quadro 3 - Constituição linguística atual do pajubá

Origem do vocábulo	Vocábulo(s) e significado(s) no pajubá
inglês	<i>bear</i> ‘gay gordo e peludo’; <i>flex</i> ‘versátil’; <i>twink</i> ‘gay que, independentemente da idade, sempre aparentará ser adolescente’;
iorubá	<i>ebó</i> ‘comida de santo na macumba’, ‘macumba em si’; <i>erê</i> ‘bofinho adolescente’; <i>odara</i> ‘bonito’, ‘pauzão’;
português	<i>babado</i> ‘fofoca’; <i>florzinha</i> ‘cu’; <i>morder a fronha</i> ‘ser passiva’;
quimbundo	<i>mona</i> ‘mulher’, ‘homossexual masculino’;
tupi	<i>picumã</i> ‘peruca’, ‘cabelo’; <i>taba</i> ‘maconha’.

Fonte: elaboração própria, com base nos dados de Andrade *et al.* (2018) e Rodrigues e Andrade (2023).

Antes de passarmos à análise do quarto quadro, uma ressalva a ser feita acerca dos termos empregados pelos(as) autores(as) dos textos e constantes no Quadro 1 e neste último diz respeito à redundância: para evitar repetições lexicais, eles(as) valem-se de sinonímias, ou seja, consideram itens lexicais que não possuem a mesma grafia como possuindo o mesmo significado. No caso dos textos noticiosos, não há a preocupação do(a) redator(a) em delimitar o que ele(a) entende pelos termos que utiliza. Contudo, no caso dos textos teóricos, essa preocupação deveria ser levada em consideração.

Quadro 4 - Termos e definições utilizadas pelos(as) autores(as) das notícias

Autor(a, es, as)	Termo(s)	Definição(ões)
Cavalcante (2017, <i>on-line</i>)	<i>pajubá</i> (sins. <i>bajubá</i> ; <i>bate-bate</i>)	‘com origem no iorubá, linguagem foi adotada por travestis e ganhou a comunidade’, ‘dialeto secreto dos <i>gays</i> e das travestis’, ‘linguagem cifrada’, ‘em sua origem, linguagem encriptada, atualmente, elemento identitário da cultura <i>queer</i> ’;
Vieira (2025, <i>on-line</i>)	<i>pajubá</i> (sin. <i>bajubá</i>)	‘linguagem cifrada, originada em experiências de resistência, espiritualidade e sobrevivência’, ‘linguagem criada por travestis e mulheres trans em um contexto de marginalização, especialmente durante a ditadura militar, é hoje símbolo de identidade e de ancestralidade’, ‘linguagem viva, dinâmica e essencialmente oral’;
Udesc-Ceart (2025, <i>on-line</i>)	<i>bajubá</i>	‘linguagem de resistência criada por pessoas travestis e trans, cuja história está ligada à luta por visibilidade, dignidade e reconhecimento de direitos’;
Assessoria de Comunicação Social (2025, <i>on-line</i>)	<i>pajubá</i> (sin. <i>bajubá</i>)	‘língua’, ‘linguagem’, ‘socioleto’;
Congresso em Foco (2025, <i>on-line</i>)	<i>pajubá</i>	‘dialeto criado pela população LGBTQIA+, em especial por mulheres trans e travestis, com raízes nas tradições afro-brasileiras’.

Fonte: elaboração própria.

Nota-se, nas notícias, que *bate-bate*, assim como *pajubá* e *bajubá*, designa o conjunto dessas palavras e expressões associadas à comunidade LGBTQIAPN+. Diferentemente do Quadro 1, apenas *vocabulário* (ou *repertório vocabular*) não aparece para auxiliar na conceituação dos termos utilizados, mas o restante delas, sim: *linguagem*, *dialeto*, *língua* e *socioleto*.

Os adjetivos *secreto*, *cifrada* e *encriptada* também constam nas definições de Cavalcante (2017) e Vieira (2025). Ao assim qualificarem as palavras *linguagem* e *dialeto*, o autor e a autora as aproximam da *gíria* que, como já vimos, possui como traço caracterizador a criptologia. Alonso (2005), Lau (2015, 2017), Andrade *et al.* (2018), Silva (2021), Vieira (2022) e Rodrigues e Andrade (2023), da mesma maneira, relacionam o *pajubá* à *gíria*.

Entretanto, hodiernamente, o *pajubá* não pode ser considerado *gíria de grupo*, críptica. Conforme apontam Lau (2015) e Vieira (2022), mulheres heterossexuais também fazem uso de unidades lexicais desse vocabulário. Além do mais, Andrade *et al.* (2018) asseveram que os

vocábulo *pajubeiros* migram cada vez mais do âmbito privado – comunidade LGBTQIAPN+ – ao público – músicas, novelas, programas de humor, redes sociais, séries televisivas etc.

Tal fato, conseqüentemente, descaracteriza o *pajubá* como vocabulário criptológico. Em sua origem, claro, enquadrava-se aos aspectos definidores da *gíria de grupo*, dado que era cifrado, servia para agredir a sociedade e defender uma comunidade marginalizada e, na medida em que reforçava o sentimento de união entre seus membros, refletia-se enquanto símbolo de identidade dessa mesma comunidade.

Hoje, pode-se dizer que o *pajubá* é *gíria comum*, pois vulgarizou-se, passando de um grupo social restrito à população em geral. Essa nossa suposição baseia-se no que defende Preti (1984), um dos maiores estudiosos da *gíria* no contexto brasileiro. De acordo com ele,

[...] caracterizada como um vocabulário especial, a *gíria* surge como um *signo de grupo*, a princípio secreto, domínio exclusivo de uma comunidade social restrita (seja a *gíria* dos marginais ou da polícia, dos estudantes, ou de outros grupos ou profissões). E quanto maior for o sentimento de união que liga os membros do pequeno grupo, tanto mais a linguagem *gíria* servirá como elemento identificador, diferenciando o falante na sociedade e servindo como meio ideal de comunicação, além de forma de autoafirmação. Ao vulgarizar-se, porém, para a grande comunidade, assumindo a forma de uma *gíria comum*, de uso geral e não diferenciado, esse vocabulário perde-se dentro dos amplos limites de um dialeto social popular, deixando, desde então, de ser *signo* grupal. Nesse momento, torna-se difícil precisar o que é de fato vocábulo *gírio* ou vocábulo popular (Preti, 1984, p. 3, *itálicos originais*).

Além dos meios de comunicação de massa, desde o início dos anos 90 tem-se percebido o constante interesse de sujeitos – pesquisadores ou não – em registrar o léxico da comunidade LGBTQIAPN+, a exemplo de Silva (1992), Junior (1996), Fusaro (2001), Alonso (2005), Vip e Libi (2006), Rodrigues e Andrade (2023), dentre outros, colaborando cada vez mais para a sua disseminação, conseqüente conhecimento e perda de caráter secreto.

Essas iniciativas são, sem sombra de dúvidas, demasiadamente importantes, uma vez que palavras refletem a cultura, a história e os valores que estruturam uma sociedade. Considerando que lexicógrafos(as) prezam, via de regra, pelo registro de itens lexicais não estigmatizados e, conseqüentemente, prestigiados, aqueles considerados chulos, grosseiros, informais, pejorativos, tabu etc. acabam sendo rechaçados de dicionários gerais. Ao assim procederem, palavras e expressões atreladas a pessoas não cis-heterossexuais – que, em sua maioria, fazem menção ao gênero e à sexualidade (atos e órgãos)¹⁸ – perdem-se ao longo do tempo, apagando consigo a cultura, a história e os valores que também veiculam. Temos,

¹⁸ Elas também fazem menção à afetividade, às características físicas e pessoais, às desigualdades, às drogas, às funções fisiológicas, à situação socioeconômica etc. daí o uso de “em sua maioria”.

portanto, um paradoxo: se são inseridas em obras lexicográficas, perdem sua natureza cifrada; se não o são, tendem ao esquecimento e ao apagamento histórico.

A este ponto, faz-se mister frisarmos um aspecto: a adoção de lexias do *pajubá* por pessoas cis-heterossexuais não implica a total desmarginalização das pessoas LGBTQIAPN+. Fato é que mudanças sociais acarretam mudanças linguísticas, o que nos leva a deduzir que o uso de palavras e expressões *pajubeiras* por parte da grande comunidade pressupõe uma maior aceitação por ela desse grupo restrito.

Maior aceitação, portanto, não é total: o Brasil, pelo décimo sexto ano consecutivo, é o país que mais mata pessoas trans e travestis no mundo (Benevides, 2025). Ademais, casos de LGBTfobia são rotineiramente noticiados em diversos setores da sociedade, corroborando que a intolerância à diversidade sexual e de gênero ainda está presente na população brasileira. Veja-se alguns casos no Quadro 5:

Quadro 5 - Notícias de LGBTfobia no Brasil em 2026

Autor e ano	Veículo	Notícia
Barros (2026)	VEJA	Detalhe em foto de jogador do Botafogo escancara homofobia no futebol
Canal UOL (2026)	BOL	Assexual, ex-BBB relata preconceito por beijar mulheres: 'Taxado de gay'
Dircom (2026)	TJMG	Justiça confirma exclusão de motorista de aplicativo por LGBTfobia
Machado (2026)	g1 MS	Médica denuncia transfobia e falta de estrutura durante plantão em UPA de Campo Grande
Tovar (2026)	Lesbocine	Casal de mulheres é assassinado após réveillon na Bahia e caso levanta alerta sobre lesbofobia e violência de gênero

Fonte: elaboração própria.

Em suma, da ditadura militar – época em que o *pajubá* começa a se constituir enquanto vocabulário – aos dias atuais, profundas transformações sociais e culturais ocorreram, impactando diretamente os usos linguísticos. Dialogar sobre língua é, ao mesmo tempo, dialogar sobre história e sobre como, ao longo do tempo, comportamentos, conhecimentos e identidades são construídos e ressignificados. Se, em sua origem, o *pajubá* funcionava como *gíria de grupo* cifrada e como instrumento de união e defesa identitária, hoje, ao se difundir para além da comunidade LGBTQIAPN+, perde seu caráter criptológico e passa a circular como *gíria comum*. Tal ampliação, contudo, não implica a superação das desigualdades sociais, uma vez que a maior visibilidade linguística desse vocabulário não se converte, necessariamente, em reconhecimento pleno, dignidade social ou garantia efetiva de direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como propósito debater sobre o *pajubá* e o *léxico dissidente*. Este refere-se ao repertório lexical que designa identidades, corpos e práticas de gênero e sexualidade não normativas, isto é, discordantes da cis-heterossexualidade. Aquele relaciona-se ao conjunto de lexias provenientes, inicialmente, do iorubá e do quimbundo e que, posteriormente, absorveu itens lexicais de outras línguas – como o tupi, o inglês e o português brasileiro.

De um ponto de vista genérico, ou seja, superordenado¹⁹, o *léxico dissidente* engloba o *pajubá*. Todavia, nosso principal foco foi mostrar que este já não pode mais ser considerado uma coletânea apenas de unidades lexicais do iorubá e do quimbundo e que o uso daquele é mais inclusivo do que o de *léxico gay*, que remete preponderantemente aos homossexuais masculinos.

Defendemos, ainda, que o emprego do termo *vocabulário* para o *pajubá* é mais feliz do que a adoção de *língua* – entendida como léxico e gramática – e de *linguagem* – a faculdade dos seres humanos de usar a língua. Hodiernamente, dada a predominância da estrutura morfossintática e das lexias do português brasileiro e, em menor escala, de um ou outro item lexical do *pajubá*, *socioleto* também pode ser usado para qualificar essa variedade linguística social, mais ou menos inteligível pelos brasileiros.

Por fim, ocorrida a expansão do *pajubá* para além das fronteiras da comunidade LGBTQIAPN+, esse perdeu sua natureza secreta, deixando de ser *gíria de grupo* e passando a configurar-se como *gíria comum*. Essa ocorrência demonstra maior aceitação da sociedade a esse grupo restrito, mas não pressupõe, essencialmente, a superação das desigualdades nem a efetivação do reconhecimento social e de seus direitos.

REFERÊNCIAS

- ACERVO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Iorubá: Ayodele Francis Ojo narra uma oração a Cosme e Damião na língua iorubá. **Brasil**, 2018. Disponível em: <https://acervo.museudalinguaportuguesa.org.br/acervos/museologico/8935/ioruba>. Acesso em: 16 abr. 2026.
- ALONSO, Nilton Tadeu de Queiroz. **Do arouche aos jardins: uma gíria da diversidade sexual**. 2005. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005.
- ANDRADE, Karylleila dos Santos *et al.* Bajubá: linguagem de grupo LGBTT como representação sócio-histórica e cultural. **Revista Desafios**, [S. l.], v. 5, n. 4, p. 36-46, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/desafios/article/view/5744>. Acesso em: 19 jan. 2026.

¹⁹ Relação hiperônimo (mais geral) e hipônimo (mais específico).

ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola, 2012. 176 p.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. MPF pede ao Iphan análise para reconhecimento da língua pajubá como patrimônio imaterial brasileiro. **Ministério Público Federal**, Rio de Janeiro, 10 nov. 2025. Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/o-mpf/unidades/pr-rj/noticias/mpf-pede-ao-iphan-analise-para-reconhecimento-da-lingua-pajuba-como-patrimonio-imaterial-brasileiro>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BAGNO, Marcos. **Dicionário crítico de sociolinguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2017. 576 p.

BARROS, Duda Monteiro de. Detalhe em foto de jogador do Botafogo escancara homofobia no futebol. **VEJA**, [S. l.], 16 abr. 2026. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/janela-indiscreta/detalhe-em-foto-de-jogador-do-botafogo-escancara-homofobia-no-futebol/>. Acesso em: 18 abr. 2026.

BASÍLIO, Margarida. **Formação e classes de palavras no português brasileiro**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011. 96 p.

BENEVIDES, Bruna G. **Dossiê**: assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2024. Brasília, DF: ANTRA, 2025. Disponível em: <https://antrabrazil.org/wp-content/uploads/2025/01/dossie-antra-2025.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2026.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria linguística**: linguística quantitativa e computacional. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. 277 p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida. (Org.). **Palavra (série linguagem)**: a delimitação de unidades lexicais. Rio de Janeiro: Grypho, 1999, p. 81-97.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2. ed. Campo Grande, MS: Ed. UFSM, 2001, p. 13-22.

CANAL UOL. Assexual, ex-BBB relata preconceito por beijar mulheres: 'Taxado de gay'. **BOL**, [S. l.], 01 abr. 2026. Disponível em: <https://www.bol.uol.com.br/entretenimento/2026/04/01/assexual-ex-bbb-relata-preconceito-por-beijar-mulheres-taxado-de-gay.ghml>. Acesso em: 18 abr. 2026.

CAVALCANTE, Guilherme. 'Acuenda o pajubá': conheça o 'dialetto secreto' utilizado por gays e travestis. **Midiamax**, [S. l.], 07 jun. 2017. Disponível em: <https://midiamax.com.br/midiamais/2017/acuenda-pajuba-conheca-dialetto-secreto-utilizado-gays-travestis/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

CHAMBERS, Jack K.; TRUDGILL, Peter. **Dialectology**. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2004. 216 p.

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015. 176 p.

CONGRESSO EM FOCO. Erika Hilton propõe pajubá como ícone de manifestação cultural. **Congresso em Foco**, [S. l.], 23 nov. 2025. Disponível em: <https://www.congressoemfoco.com.br/noticia/114038/erika-hilton-propoe-pajuba-como-icone-de-manifestacao-cultural>. Acesso em: 19 jan. 2026.

DIRETORIA EXECUTIVA DE COMUNICAÇÃO – Dircom. Justiça confirma exclusão de motorista de aplicativo por LGBTfobia. **Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais**, Minas Gerais, 17 fev. 2026. Disponível em: <https://www.tjmg.jus.br/portal-tjmg/noticias/justica-confirma-exclusao-de-motorista-de-aplicativo-por-lgbtfobia-8ACC82199C4D174D019C6B614BoE0564-00.htm>. Acesso em: 18 abr. 2026.

FUSARO, Kárin. **Gírias de todas as tribos**. São Paulo: Panda, 2001. 157 p.

JUNIOR, Orocil Pedreira Santos. **Bichonário**: um dicionário gay. Salvador: ed. do autor, 1996. 138 p.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre e Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972]. 392 p.

LAU, Héilton Diego. A (des)informação do bajubá: fatores da linguagem da comunidade LGBT para a sociedade. **Revista Temática**, [S. l.], ano XI, n. 2, p. 90-101, fev. 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/viewFile/22947/12672>. Acesso em: 19 jan. 2026.

LAU, Héilton Diego. Será que toda “mona” fala “bichês”? A questão da linguagem e identidade da comunidade LGBT. **Revista Temática**, [S. l.], ano XIII, n. 3, p. 160-174, mar. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/33400>. Acesso em: 19 jan. 2026.

MACHADO, Mirian. Médica denuncia transfobia e falta de estrutura durante plantão em UPA de Campo Grande. **g1 MS**, Mato Grosso do Sul, 13 abr. 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2026/04/13/medica-denuncia-transfobia-e-falta-de-estrutura-durante-plantao-em-unidade-de-saude-de-campo-grande.ghtml>. Acesso em: 18 abr. 2026.

MONICO, Letícia Kovalski; LEGROSKI, Marina Chiara. Variação linguística dentro da comunidade LGBT. In: Encontro Anual de Iniciação Científica, 28., Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior, 5., 2019, Paraná. **Anais [...]**. Paraná: PROPESP, n. p., 2019.

ORSI, Vivian. Lexicologia: o que há por trás do estudo das palavras? In: GONÇALVES, Adair Viera; GÓIS, Marcos Lúcio de Sousa. (Orgs.). **Ciências da linguagem: o fazer científico?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2012, v. 1, p. 163-177.

POLGUÈRE, Alain. **Lexicologia e semântica lexical**: noções fundamentais. Tradução: Sabrina Pereira de Almeida. São Paulo: Contexto, 2018. 320 p.

POTTIER, Bernard. **Linguística geral**: teoria e descrição. Tradução e adaptação portuguesa: Walmírio Macedo. Rio de Janeiro: Presença, Universidade Santa Úrsula, 1978. 320 p.

PRETI, Dino. **A gíria e outros temas**. São Paulo: T. A. Queiroz, 1984. 129 p.

REI, Claudio Artur O. Acuenda, mona, tem alibã na gira! A influência do iorubá no léxico gay. **Caderno Seminal Digital**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 22, p. 173-187, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/14873>. Acesso em: 19 jan. 2026.

RODRIGUES, Paulo Ricardo Aires; ANRADE, Karylleila dos Santos. **Pequeno vocabulário pajubá palmense**. São Carlos, SP: Scienza, 2023. 32 p. Disponível em: https://editorascienza.com.br/ebook/pajuba.pdf?srsltid=AfmBOoou_tWQAD4I4d339CST5JaG-PEkbXq_sNftmOY37X98iW_yBFrz. Acesso em: 19 jan. 2026.

SILVA, Jovanna Cardoso da. **Diálogo de bonecas**. Rio de Janeiro, RJ: ASTRAL, 1992, 17 p.

SILVA, André Luiz Souza da. É pajubá, tá meu bem? Variação linguística e aspectos socioculturais no ENEM. **Web-revista Sociodiaeto**, [S. l.], v. 12, n. 34, p. 1-27, jul. 2021. Disponível em: <https://periodicosonline.uems.br/index.php/sociodiaeto/article/view/8107>. Acesso em: 19 jan. 2026.

TOVAR, Rayanne. Casal de mulheres é assassinado após réveillon na Bahia e caso levanta alerta sobre lesbofobia e violência de gênero. **Lesbocine**, [S. l.], 04 jan. 2026. Disponível em: <https://lesbocine.com/casal-de-mulheres-e-assassinado-apos-reveillon-na-bahia-e-caso-levanta-alerta-sobre-lesbofobia-e-violencia-de-genero/>. Acesso em: 18 abr. 2026.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução e adaptação: Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2011 [2004]. 368 p.

UDESC-CEART. Palestra com Amara Moira discute história e importância do bajubá na Udesc. **Núcleo de Comunicação Udesc Ceart**, Santa Catarina, 16 jun. 2025. Disponível em: https://www.udesc.br/noticia/palestra_com_amara_moira_discute_historia_e_importancia_do_bajuba_na_udesc. Acesso em: 19 jan. 2026.

VIEIRA, Eduardo Alves. O uso de gírias e expressões LGBTQIA+ por mulheres cis-heterossexuais. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, [S. l.], v. 23, n. 2, p. 20-42, 2022. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/les/article/view/42475>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VIEIRA, Sophia. Pajubá: a linguagem secreta entre travestis e mulheres trans em tempos de repressão. **Jornal da USP**, São Paulo, 27 maio 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/pajuba-a-linguagem-segreto-que-nasceu-da-repressao-e-floresceu-na-resistencia/>. Acesso em: 19 jan. 2026.

VIP, Angelo; LIBI, Fred. **Aurélia**: a dicionária da línguaafiada. São Paulo: Editora do Bispo, 2006. 143 p.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin L. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968]. 152 p.

Recebido para publicação em: 26 mar. 2026.

Aceito para publicação em: 23 abr. 2026.